

A Prédica ao Longo da História da Igreja

Estímulos para a Pregação na Atualidade

Edson E. Streck

1.0 — Necessidade e Limitações Deste Estudo

Ao longo de sua história, a Igreja tem se servido de inúmeras formas de pregação da palavra de Deus. Uma das mais adotadas é a prédica — explicação de um texto bíblico no momento em que a comunidade se reúne para prestar culto a Deus. Meio de comunicação adotado entre os cristãos desde o início da Igreja, a prédica — sem ter sido o único — foi um veículo eficiente para a formação e edificação de comunidades. De acordo com o tempo e o lugar em que vivia a comunidade, a prédica sofreu adaptações: algumas, favorecendo a pregação, outras, impondo-lhe limites.

Atualmente a prédica sofre novamente uma série de críticas. Por ter seu lugar específico no culto, é atingida pela crise em que este se encontra. Por ser proferida geralmente por pastores e pastoras, é atingida pela crise que se abate sobre o pastorado. Dirigidas à prédica, retornam perguntas que já foram formuladas em outros momentos vividos pela Igreja: questionam seu alcance, apontam seus limites, põem em dúvida seu lugar de destaque, exigem maior acesso de leigos a ela. Procuram definir a proximidade e a relação entre o texto bíblico e a situação em que vive a comunidade. Buscam-se formas de tornar mais concreta, compreensível e, inclusive, atracente a mensagem bíblica veiculada pela prédica. Levando em consideração os meios de comunicação de massa, com seu alcance e seus recursos, a prédica é apontada como meio de comunicação ultrapassado e pouco eficaz. Com consciência da responsabilidade social e política da Igreja, pergunta-se pelo potencial da prédica como meio de transformação da realidade.

Tal como se apresenta, a prédica ainda tem “salvação”?

Ao mesmo tempo em que surgem questionamentos à prédica, vindos de diversos setores, continua a haver pessoas que se dedicam a ela. Pregadores continuam a investir tempo na elaboração de prédicas. Membros de comunidades continuam a aguardá-la, jogando sobre ela uma infinidade de expectativas que consideram vitais. As igrejas não alcançam lotação máxima; deve-se reconhecer, porém, que não estão vazias.

As preocupações que atualmente giram em torno da prédica trazem aspectos que não são inéditos. Algumas surgiram e alcançaram resposta em outros momentos na história da Igreja. A pregação cristã não se mante-

ve imutável ao longo dos séculos. Não permaneceu presa a um determinado padrão. De uma época para outra, de um contexto a outro, ela sofreu alterações. Mudou em sua forma, conteúdo, ênfases e alcance. Em determinados momentos levou a transformações radicais. Em outros, acomodou-se a situações estabelecidas.

Acompanhar a caminhada da pregação cristã permite detectar uma série de aspectos impregnados de atualidade. Percebem-se, por outro lado, diversos elementos que a caracterizam negativamente. A pessoa que se propõe a pregar deve ter noção desses aspectos positivos e negativos para que a pregação atual contenha os elementos essenciais que a caracterizam.

Antes de partir para essa tarefa, convém ressaltar uma dificuldade que se impõe. Ao longo dos séculos vividos pela Igreja, são raras as prédicas que se encontram documentadas na exata redação em que foram proferidas. São incontáveis os apontamentos para prédicas. São inúmeras as redações posteriores. Há prédicas cujos textos foram revisados a partir do momento em que se tomou a decisão de publicá-las. Há muita tradição oral que em determinado momento se cristalizou em redação. Em grande parte há falta de conhecimento mais detalhado a respeito do contexto dos ouvintes aos quais a prédica era destinada. Apesar de todas estas dificuldades, há base suficientemente sólida para apreender os elementos essenciais da prédica, em seus distintos contextos.

Na exposição que se segue surgem duas palavras cujo significado, em determinadas situações, se funde. Há momentos em que sua compreensão é distinta. Trata-se dos termos *pregação* e *prédica*. Nelson Kirst define: “pregação” é o “termo genérico que abrange formas como: a evangelização, a fala missionária, o catecumenato em grupos na comunidade (grupos de jovens, senhoras, homens, casais, escola dominical, estudos bíblicos), os ofícios casuais (batizado, bênção matrimonial, sepultamento), a poimênica, o ensino religioso nas escolas, artigos e comentários na imprensa escrita, programas cristãos no rádio e na TV.”¹ “Prédica” é um termo restrito: “é uma dessas formas de pregação. O que a distingue particularmente das demais é a sua *vinculação litúrgica* ao culto (normalmente dominical) da comunidade”².

2.0 — A Pregação na Bíblia

A pregação perpassa a Bíblia. Ultrapassa a Bíblia. Daí a impossibilidade de tentar captá-la em seu todo. Ambas se enriquecem mutuamente, atuam de forma dialética em seu relacionamento, como fruto e semente, como semente e fruto.

Convém destacar, entretanto, alguns aspectos relacionados à pregação registrados na Bíblia, sobretudo aqueles que são essenciais à compreensão da pregação cristã.

2.1 — A Pregação dos Profetas

O anúncio da palavra de Deus é historicamente perceptível na atuação e pregação dos profetas. Através de palavras e de atitudes carregadas de sentido, através de sua própria vida como palavra-ação, os profetas transmitem a palavra de Deus a seu povo. São mensageiros de Deus. Pregam com a autoridade que Deus lhes confere. Trazem, de acordo com a vontade de Deus, para dentro de situações específicas: anúncio ou denúncia, salvação ou condenação, promessa ou ameaça, perdão ou castigo, conselho ou palavras de alerta, esperança e consolo... Em certos momentos sua atuação/pregação serve-se de elementos ligados ao culto (salmos, p. ex.). Em outros, o culto acaba sendo energicamente atacado (atuação de Amós, p. ex., em relação à atuação de sacerdotes e à espiritualidade das pessoas que frequentavam os locais de culto). Sua pregação dá-se sob diversas formas: falam em prosa ou verso, por parábolas ou do modo mais direto possível, em discurso direto (visando grupos ou massas) ou através de diálogo (na comunicação interpessoal). Sentem com intensidade na própria vida o impacto de sua vocação e conseqüente pregação, reagindo com maior ou menor demonstração de temor e sofrimento (Jeremias e Isaías, p. ex.).

A pregação cristã retira muito de sua consistência da pregação dos profetas, registrada no Antigo Testamento, tanto em sua forma como em seu conteúdo e em sua essência.

2.2 — A Pregação de João Batista

A pregação de João Batista — que é cronologicamente mais próxima da Igreja primitiva — também deixa marcas na pregação dos primeiros cristãos. Certos temas são comuns: o anúncio da proximidade/vinda do reino de Deus, o perdão dos pecados, a indicação de que Jesus é o Salvador e a afirmação, que se refere a ele: “Convém que ele cresça e que eu diminua.” (Jo 3.15.)

2.3 — A Pregação no Culto Judaico

Diversos elementos do culto judaico — sobretudo da prática adotada nas sinagogas — passam a ser adotados pela comunidade cristã reunida em culto. Um destes elementos — básico desde os primeiros encontros entre cristãos — é a leitura da Escritura. A ela se segue uma explicação do texto recém lido, dirigida a todas as pessoas presentes (cf. Lc 4.16ss.). A partir daí, no culto da comunidade cristã primitiva, adota-se a leitura da Escritura seguida de uma explanação.

2.4 — A Pregação de Jesus

É evidente: o exemplo de Jesus é o que mais marca a pregação da Igreja cristã. A extrema coerência de Jesus se revela ao longo de sua vida, inclusive na própria morte: ele carrega à cruz a impossibilidade de separar palavra e ação. “A última pregação de Jesus é sua paixão e morte”³.

Em termos de conteúdo, é sobre a pregação de Jesus que a Igreja primitiva constrói a sua: chama pessoas ao arrependimento, perdoa, cura, ensina, consola, envia, cria comunhão, reparte e multiplica vida...

Cristãos procuram seguir os ensinamentos de Jesus, também quanto à forma de transmiti-los. Também neste aspecto a Igreja colhe lições valiosas junto a seu mestre. Jesus fala às pessoas em linguagem acessível, toma exemplos da vida diária (parábolas), procura falar com o povo de modo direto na língua que lhes é comum, esclarece passagens da Escritura...

Jesus fala com a autoridade que Deus lhe confere. Dá esta mesma autoridade às pessoas que envia (cf. Mt 28.18ss.).

2.5 — A Pregação dos Discípulos/Apóstolos

Jesus envia seus discípulos a pregar (cf. Mt 10.27; 28.18ss.; Jo 17.18...). Após Pentecostes, discípulos tornam-se apóstolos. Tomados pelo Espírito Santo, testemunham vida, ação e morte de Jesus. Anunciam a grande nova: a ressurreição de Jesus. Pregam-no como sendo o Cristo (cf. At 2.36). Sua pregação leva pessoas à conversão e ao Batismo. Forma-se a comunidade. Nela, culto e vida se fundem (cf. At 2.42ss.). Em sua vida, a pregação torna-se elemento essencial. Tão vital quanto orar e louvar a Deus, repartir o pão e viver em comunhão entre irmãos e irmãs.

2.6 — A Pregação de Paulo

Com marcante cunho missionário, a pregação forma e mantém a comunidade cristã em Jerusalém. O acento missionário ganha nova dimensão a partir de Paulo. O objetivo de sua vida passa a ser a pregação da boa nova em Cristo. Ele corre o mundo, a pregar. Procura solidificar as comunidades que se criaram a partir de sua pregação, enviando-lhes cartas. Neste sentido, seus escritos dirigidos às comunidades também são pregação: palavras tomam corpo em letras.

Suas cartas contêm dados a respeito da pregação existente nos cultos das primeiras comunidades cristãs. Quando Paulo escreve, p. ex., sobre a necessidade de haver ordem no culto, indica um aspecto essencial da pregação: “Seja tudo feito para edificação” (1 Co 14.26ss.). Em suas cartas percebe-se também o quanto a pregação cristã continua mantendo ligação estreita com textos do Antigo Testamento, lidos sob a perspectiva da ressurreição de Jesus.

3.0 — A Prédica na Comunidade Primitiva

Após a fixação do cânone do Novo Testamento (cerca de 180 d.C.), os próprios textos que o compunham passam a tornar-se base sólida para a pregação no culto. A rigor, é somente a partir daí que se pode falar de uma *pregação* essencialmente cristã, isto é, com base em texto do Novo Testamento⁴.

Em sua pregação, a comunidade cristã primitiva também faz uso de elementos presentes nos discursos de filósofos estoicos: o estilo da retórica grega, sua ligação com classes populares, seu caráter doutrinário. Desde o início, porém, a marca cristã é característica e inconfundível. Reconhece e testemunha: em Jesus Cristo irrompeu o reino de Deus; em Jesus Cristo Deus se revelou; a salvação tornou-se real. O culto da comunidade primitiva complementa a pregação dos profetas e a que existe no culto judaico — através da boa nova que toma corpo em Jesus Cristo.

4.0 — A Prédica nos Primeiros Séculos

Justino (séc. II) comenta que a *pregação* está presente no momento em que a comunidade se reúne para a celebração da Ceia: após a leitura das palavras deixadas pelos apóstolos ou dos escritos dos profetas, a pessoa que preside a comunidade faz uma exposição parenética, isto é, uma exortação, um discurso de cunho moral.

Destacam-se, nesta época, temas dogmáticos (p. ex.: Jesus como Salvador e Juiz, perdão dos pecados, ressurreição) e temas de caráter ético (entre eles: arrependimento, ascese, prática da esmola, intercessão). Ganha espaço, além disso, a defesa da doutrina cristã frente a judeus, gentios, correntes gnósticas e filosóficas⁵.

Já a partir dos primeiros séculos, a *pregação* é proferida pelo bispo (também por presbíteros, desde o séc. III). Ele o faz a partir de uma cátedra ou posicionado próximo ao altar.

Orígenes (primeira metade do séc. III) é o primeiro teólogo de quem se conserva um grande número de *pregações* (em torno de 200). Percebe-se nele que a *pregação* já é parte essencial do culto. Ao pregar, Orígenes sempre comenta um texto bíblico. Tenta trazer conteúdo e atualização desse texto para a comunidade. Procura introduzi-la nos mistérios da Escritura e edificá-la, mais por conselho e consolo do que através de doutrinação⁶. É considerado o maior pregador da época anterior a Constantino, por unir — de forma conseqüente — a *pregação* da Igreja à Bíblia e por expressar sua mensagem recorrendo a métodos científicos que a época lhe fornece.

O séc. IV torna-se momento áureo da homilia (uma forma de *pregação* em que a leitura e a explanação de determinado texto bíblico acontecem versículo por versículo, na busca pela sua aplicação prática na vida cristã).

Inicialmente os textos são indicados pelo bispo. A partir do séc. V surge o sistema de perícopes. Além da homilia, outras formas estão presentes: testemunhos a respeito da vida de mártires e santos, prédicas temáticas, de controvérsia (dogmáticas), ocasionais (sepultamento...). A prédica tem lugar no culto, que se realiza a cada domingo e feriado. Na época da quaresma, o culto é acontecimento diário. Além dos bispos, pregam regularmente os presbíteros (em caráter excepcional os diáconos; monges e leigos não pregam). A prédica é proferida na língua do local. Em geral registra-se grande afluência de pessoas⁷.

A partir da era constantiniana (séc. IV), a prédica recebe nova tarefa: além da função apologética — que ela já tinha anteriormente —, cabe-lhe ser lugar para levar a doutrina cristã às massas. A influência da retórica grega, até então contestada, passa a tornar-se evidente, sobretudo na Igreja do Oriente (em aspectos formais, p. ex.: como reunir e apresentar o material). Surge uma nova forma de discurso eclesiástico, que se vale de meios da retórica: seu estilo é brilhante, obtém fácil acesso ao público. A prédica continua com a característica de explanar textos bíblicos e aplicá-los à vivência cristã. Começa a perceber-se certa concorrência e rivalidade entre a prédica e o restante do culto.

Entre diversos pregadores de renome, destaca-se Crisóstomo. Pregador de cidade grande (Antioquia), ele parte do texto bíblico e, após explicá-lo, aplica-o de forma magistral à situação concreta vivida pela comunidade. A prédica ultrapassa os limites do culto, alcançando inclusive pessoas cultas não muito identificadas com a Igreja⁸. Seus sermões trazem uma abordagem exegética, são voltados à prática, abordam temas eminentemente sociais.

Algo semelhante ocorre na Igreja ocidental. Pregador marcante é Agostinho (354-430): cerca de mil prédicas suas estão conservadas. Considerado mestre na homilia, consegue apresentar com clareza o conteúdo de uma perícopo, de forma a atrair a atenção dos ouvintes. É o primeiro a formular uma homilética (teoria a respeito da prédica). Mantém certa ligação à retórica clássica de Cícero. Consegue adaptá-la de modo peculiar à pregação cristã (seus métodos e intenções são legitimamente aceitáveis, se ajudam a conduzir à verdade: “*docere*”, “*delectare*”, “*flectere*”). A partir daí a Homilética não abandona mais o campo entre Teologia e Retórica.

Muitos pregadores esforçam-se em permanecer fiéis ao texto bíblico. Procuram dirigir-se de forma poimênica à comunidade. Tentam desmascarar o que traz prejuízo à sociedade e aos cristãos. Ocupam-se em desdobrar a doutrina da Igreja. E não deixam de tentar ganhar a atenção dos ouvintes pela elegância do seu discurso.

A forte influência da retórica, entretanto, também traz consigo graves conseqüências. Em muitos casos, o pregador passa a ser essencialmente orador, a igreja transforma-se em teatro, o altar vira palco e a comunidade é encarada como público.

5.0 — A Prédica na Idade Média

À medida que se dá o avanço rumo à Idade Média, ganha destaque a questão da língua em que a prédica é proferida. A missão avança em direção a diversas tribos germânicas. Na pregação missionária a maior dificuldade consiste em encontrar condições e pressupostos lingüísticos que permitam articular a mensagem cristã na língua falada pelas pessoas que se pretende atingir. Daí a importância que a pregação passa a exercer no próprio desenvolvimento de algumas línguas, como a alemã, p. ex. O fato de se tentar articular a pregação na língua do povo lhe confere cunho popular (“*Volkspredigt*”).

Carlos Magno consegue estabelecer regras definidas em relação à prédica. Torna-se prática regular no culto dominical pregar a partir de determinados textos bíblicos prefixados. Surgem, assim, as perícopes dominicais. Através delas pretende-se levar as comunidades “missionadas” a aprofundarem-se nos ensinamentos da Bíblia e da Igreja. Com a regularidade da pregação, aumenta a circulação de coleções de prédicas e de material homilético que ajude na sua elaboração. A existência desse material atesta, ao mesmo tempo, que decrescem a originalidade e a criatividade dos pregadores e baixa o nível de formação teológica do clero. Impera a prédica decorada ou a simples leitura de prédicas dos pais da Igreja (especialmente de Gregório Magno e Agostinho). Em parte, até por uma sugestão dada por Agostinho aos pregadores: caso sintam falta de conhecimento teológico ou de capacidade, que façam uso de prédicas de outras pessoas!

Alcança grande penetração, na Idade Média, a pregação de Bernardo de Claraval, o maior pregador em língua latina desta época. Ele convida a seguir a Cristo, levando uma vida de pobreza e praticando a ascese.

Acontecem mudanças em ordens religiosas, com reflexos na pregação cristã. Monges mendicantes, p. ex., atuam como pregadores itinerantes. Alcançam popularidade com sua prédica que, de certa forma, atua em concorrência à missa. Seu enorme sucesso revela, por um lado, a importância da atuação do pregador. Por outro lado, aponta a necessidade de se levar em conta o contexto específico da comunidade em que a prédica é proferida. Fala-se a língua do povo, de forma simples e acessível, em contraposição às prédicas em latim que são proferidas em sínodos, conventos, encontros do clero e da classe universitária.

A escolástica (em torno do séc. XI) traz, no lugar da homilia, a prédica temática. Brota no mundo universitário. Tem, como tema preferido, o arrependimento.

Nos sécs. XI e XII torna-se comum retratar o juízo final nas prédicas, com todas as cores que o terror do purgatório e as torturas do inferno permitem imaginar.

Na época das cruzadas procura-se, pela pregação, conquistar pessoas que participem da guerra santa por Jerusalém. Posteriormente cristãos serão motivados a lutar contra os turcos.

No séc. XIII recebe destaque a descrição dramática da paixão de Cristo. A partir do séc. XIV a prédica ocupa-se com problemas que surgem no seio da Igreja e na vida do povo. Torna-se, assim, instrumento para mudanças, por seu alcance público e político.

A escolástica é apontada como a época áurea da prédica cristã, sobretudo por parte de teólogos católicos⁹. A prédica traz à tona experiências da vida. É rica em exemplos. Nela se contam histórias ligadas às vidas de santos. Abre espaço inclusive para críticas ao mundo contemporâneo. Neste período circulam diversas obras que se ocupam especialmente com a prédica.

Com o misticismo, acentua-se o aspecto da contemplação, a partir de determinado texto ou palavra da Bíblia. Destacam-se a profundidade e a riqueza de novas idéias, a criatividade na expressão. Sobressaem a força e a dinâmica da piedade.

Nos tempos imediatamente anteriores à Reforma, conteúdo e forma da prédica mantêm-se bastante ligados ao método escolástico. São ouvidos pregadores que acentuam sobretudo temas como jejum e arrependimento. Surgem com destaque pregadores que criticam publicamente questões de ordem eclesiástica (entre eles Wyclif e Huss).

Sob a influência do humanismo surgem livros de caráter homilético (Erasmo, entre outros). A própria Bíblia começa a ganhar mais espaço. Publicam-se apostilas. Difundem-se livros destinados à edificação da comunidade.

6.0 — A Prédica na Reforma

Em termos de pregação, a grande mudança que a Reforma traz não se relaciona, em primeira linha, ao campo da homilética — mas da hermenêutica. A virada hermenêutica tem conseqüências também na homilética.

Segundo o pensamento da Reforma, Jesus Cristo é o centro da Escritura. A justificação do pecador por fé, como palavra última de Deus, perpassa toda a Bíblia, marca cada texto. Aponta-se a necessidade da distinção entre lei e evangelho. Estes são alguns princípios que dão à prédica, como lugar em que se ouve a viva voz do evangelho, a tarefa de revelar a palavra de Deus contida na Escritura. Tarefa da prédica, segundo Lutero, é atrair o interesse das pessoas, cativá-las (*“reizen”*), para levá-las a ter fé na promessa de Deus.

Em decorrência, exige-se do pregador que se atenha — ao máximo — ao texto bíblico. A abordagem do texto não se esgota no estudo formal, mas investe no conteúdo. Torna-se importante tanto para a fé do indivíduo como para a edificação da comunidade. O anúncio da palavra de Deus passa a ocupar lugar central no culto cristão.

No escopo de uma perícopes, que serve de base para uma prédica, deve-se vislumbrar também o escopo de toda a Escritura. A prédica passa a determinar acentuadamente a essência e o desenrolar do culto e da própria vida da comunidade.

Como consequência da valorização da prédica, aumenta a autoridade do pregador. Idéia fundamental da Reforma é o sacerdócio geral de todos os crentes: cada pessoa batizada é chamada a testemunhar. A prédica, entretanto, é tarefa do ministro *rite vocatus*. A vocação do pregador para a sua tarefa, nesse ministério especial, tem base — por um lado — na ordem de Deus para pregar a sua palavra e — por outro lado — na atribuição dada à própria comunidade de escolher alguém de seu meio para a pregação pública. Sua pregação é, deste modo, a viva voz do evangelho. Deus fala pela boca do pregador. Esta compreensão leva-o, no exercício do seu ministério, a uma luta interna constante. O exemplo da própria vida de Lutero torna-o evidente.

Diversos pregadores se destacam no início da Reforma. Como, de modo geral, são percebidas carências na formação teológica dos pregadores, Lutero deixa apostilas para orientá-los nessa tarefa. Cerca de duas mil prédicas de Lutero são conhecidas, em grande parte graças aos apontamentos feitos por seus ouvintes e alunos.

Suas prédicas estão rigorosamente unidas ao texto bíblico e nele fundamentadas. Apontam para a justificação que se dá somente por fé, sem ser mérito próprio. Indicam questões concretas. São plásticas, claras, vivas. Assim, conseguem penetração em meio ao povo. Neste sentido é vital a transformação que se dá no todo do culto: este passa a ser realizado na língua que o povo fala, a Bíblia torna-se mais acessível, há mais participação das pessoas (hinos, p. ex., são cantados na língua do povo e trazem mensagem cristã em melodias conhecidas).

Outros reformadores igualmente se destacam através de sua pregação. Zwinglio toma, em momentos, todo um livro da Bíblia, comentando-o versículo por versículo. Seu estilo é simples. Quer levar as pessoas que fazem parte da Igreja à maturidade em termos de atuação política e de fé. Acentua-se, pois, o caráter político e pedagógico em suas prédicas.

Calvino também comenta textos bíblicos contínuos, em forma de homilia. Seu estilo traduz elegância e clareza na expressão, segurança e cuidado no labor exegético do texto. Suas prédicas aproximam-se, às vezes, de catequeses e tratados teológicos. Sua pregação não tem tanto alcance popular.

No campo do protestantismo, a primeira pessoa a esboçar uma homilética de forma metódica é Hipério, em 1553. Além de esforço por consistência bíblica, também recomenda trabalho no campo formal. Aponta aspectos relacionados à homilética que continuam sendo atuais: a pessoa do pregador, o preparo da prédica, sua intenção e forma.

7.0 — A Prédica na Ortodoxia Luterana

A prédica, nesta época, torna-se essencialmente doutrinária. Recomenda-se uma série de métodos para a elaboração do texto da pregação. Ano

após ano prega-se a partir das mesmas perícopes. Exige-se dos pregadores que transmitam a “doutrina pura, clara, autêntica”. A prédica torna-se mero veículo da sã doutrina. Caracteriza-se por vasta erudição, rigorosa ligação ao texto bíblico e à doutrina da Igreja. Utiliza uma linguagem cada vez mais rebuscada (ao estilo barroco). Predomina nela o desejo de doutrinar e educar a comunidade.

Com a Guerra dos Trinta Anos, ganham destaque temas como: cruz e sofrimento de Cristo e do cristão, mistério do sofrimento, superação desse sofrimento com paciência e serenidade, necessidade de arrependimento e de introspecção para exame de consciência.

8.0 — A Prédica no Pietismo

Com o surgimento do pietismo, a prédica ganha novo impulso. Ela praticamente renasce. Pregadores procuram unir a proclamação da mensagem da salvação contida na Bíblia com a meta a que se propõem — despertar pessoas para a fé, chamar à conversão. São características de sua prédica: acento maior na aplicação (*praxis pietatis*) do que na explicação do texto bíblico; calor humano; direcionamento para a situação do ouvinte; renúncia à retórica.

É inegável a influência que a prédica exerce sobre a vida de inúmeras pessoas e a ajuda que presta para a edificação interna da comunidade. Além de ter como meta a conversão pessoal, ela procura motivar para o contato com a Bíblia e para a ação. Reclama, em relação ao pregador, que ele seja testemunha viva de sua pregação. Faz com que, ao lado do culto e da prédica dominicais, sejam criados outros momentos e espaços que levem à edificação: surgem, assim, os encontros para estudos bíblicos.

O sacerdócio geral de todos os crentes torna-se real: leigos também são admitidos, estimulados e ensinados a pregar — desde que convertidos!

Uma das críticas endereçadas à prédica do movimento pietista é a mesma que atingia a ortodoxia luterana, inclusive com mais vigor: de não valorizar suficientemente o rumo tomado pela sociedade (perceptível em outros campos, como p. ex. a filosofia, as ciências naturais, a literatura), no seu desejo de independência, maturidade e caminhos próprios¹⁰.

9.0 — A Prédica no Iluminismo

As críticas endereçadas à prédica da época da ortodoxia e do pietismo já indicam, em parte, a direção que ela toma no iluminismo. Passa-se a procurar contato com o espírito que reina na época. Pela prédica pretende-se: responder aos anseios do tempo e da situação em que se vive; ver pontos em comum entre cristianismo e cultura, em busca de reconciliação;

assumir uma linguagem compreensível a todos, em termos de religião e Igreja. Pregadores são estimulados a pregar com fundamento e de forma correta, procurando provar o que dizem. Pretende-se alcançar essas metas com a ajuda dos “métodos científicos” de que se dispõe e por “fundamentação racional”.

São temas freqüentes: dignidade do amor, arte, educação, uso do tempo... São trabalhados na prédica praticamente os mesmos temas abordados na literatura da época. Pregadores entendem-se, em geral, como oradores que atuam a partir dos púlpitos, como professores de religião, como educadores e conselheiros do povo. Percebem-se nitidamente um acento retórico e uma intenção pedagógica na prédica desta época. Ela quer ser trabalhada com arte, como obra literária. Esforça-se em ser moderna. Parte de questões da atualidade. Na procura por respostas para questões levantadas, às vezes peca por falta de substância bíblico-teológica.

10.0 — A Prédica em Schleiermacher

A atuação de Friedrich Schleiermacher, na virada do séc. XVIII para o XIX, é fundamental para a compreensão de um campo de ação da teologia luterana que passa a chamar-se de Teologia Prática. Por sua reflexão teórica neste campo, e não apenas por ser um pregador de reconhecida e admirada capacidade, ele contribui muito para a compreensão da tarefa da prédica. Classifica-a como testemunho que tem seu lugar no culto. Entende que, através da explicação do texto bíblico que ela proporciona, deve manifestar-se a autoconsciência (piedade) do pregador e expressar-se o sentimento religioso (piedade) da comunidade.

Ele leva a prédica — em crise de credibilidade — a ocupar novamente um lugar de destaque na vida em comunidade e sociedade.

11.0 — A Prédica nos Séculos XIX e XX

Há uma série de movimentos e correntes teológicas no séc. XIX e na primeira metade do séc. XX. Vários pregadores se destacam. Imprimem cunho particular a sua pregação, mas não desenvolvem uma teoria própria no campo da homilética.

Na virada do séc. XIX para o XX, o liberalismo teológico traz a “prédica moderna”. Quer levar à comunidade as descobertas do estudo da Bíblia no campo científico. Procura dirigir-se à pessoa do tempo presente, inclusive com apoio em conhecimentos vindos da psicologia, da sociologia e dos estudos feitos no campo da cultura. A prédica é marcada predominantemente pela situação em que a comunidade vive.

Papel decisivo na compreensão da prédica cabe ao teólogo Karl Barth.

Ele parte do pressuposto de que não conseguimos compreender e captar Deus com palavras e conceitos humanos.

Como teólogos, devemos falar a respeito de Deus. Somos, entretanto, pessoas. E, como tais, não conseguimos falar a respeito de Deus. Devemos ter consciência de ambos: de nosso dever de falar e de nosso não-conseguir fazê-lo. E, assim, glorificar a Deus. Esta é a nossa aflição. Comparado a isto, o resto não passa de brincadeira de crianças.¹¹

Como em outras épocas do passado, o texto bíblico dirige a prédica e determina sua essência. Tarefa da prédica é anunciar a exigência e a promessa contidas na palavra de Deus (lei e evangelho; imperativo e indicativo).

Em uma Igreja que se sente cansada e saturada de prédica, na época do *Kirchenkampf* (perseguição aos cristãos que se opunham ao regime nazista na Alemanha), a prédica do culto dominical alcança um destaque inesperado. Mesmo estando rigidamente amarrada ao texto bíblico — seria este o motivo? —, ela consegue transformar-se em fenômeno político de grande significado. Percebem-se o poder e o efeito de uma prédica que se concentra no texto bíblico e que convoca à vida em comunidade.

12.0 — A Prédica na América Latina, a partir da Experiência da Teologia da Libertação

É prática comum entre pastores/as, no preparo da prédica, partir de um determinado texto bíblico indicado pelas séries de perícopes adotadas pela Igreja. Tal prática apresenta vantagens e desvantagens¹².

No que toca ao encaminhamento da prédica, a caminhada da teologia da libertação reforça a necessidade de partir da realidade¹³. Toma-se como modelo a proposta metodológica “ver-julgar-agir”. Em relação à prédica isto significa: parte-se de um determinado fato ou situação vivido pela comunidade; este é analisado e visto à luz de um texto bíblico que, por sua vez, leva a comunidade a agir, de acordo com a vontade de Deus, em relação ao fato do qual se partiu.

Partir de um fato da realidade também é uma postura que, ao mesmo tempo, merece apoio e requer cuidados. Entre seus pontos positivos, aponta-se o fato de a comunidade ser considerada em seu contexto específico. “Há situações na comunidade que já são, em si, uma notícia de Deus. Essa notícia precisa ser interpretada.”¹⁴ Um dos perigos consiste na tentação de o pregador usar um texto bíblico como “cabide” para uma prédica preconcebida. Neste caso é pregada a teologia do pregador, e não necessariamente a mensagem do texto bíblico. Semelhante a este, há o perigo de passar de largo pelo texto bíblico, enfocando apenas questões da realidade. O “julgar” desse método, porém, compreende adotar uma postura crítica à luz da Escritura. “O texto deve, a partir de uma boa exegese, perscrutar, aclarar, interpretar, elucidar a situação e nortear a reflexão sobre a mesma

a partir da vontade de Deus (...) a situação não deve reprimir o texto escolhido nem domesticá-lo. O texto é que governa a situação, e não o inverso.”¹⁵

Carlos Mesters define a meta da pregação: “Facilitar o escutar Deus hoje”¹⁶. Nesta tarefa, o pregador deve considerar três aspectos: a Bíblia (como fonte da revelação da vontade de Deus), a realidade (para dentro da qual Deus quer falar) e a comunidade de fé (que abarca a história do testemunho de fé). Não importa a seqüência destes passos. Decisivo é que estes três aspectos estejam presentes na pregação.

13.0 — Conclusão

As numerosas críticas dirigidas à prédica pretendem questioná-la por ser a forma mais adotada para o testemunho público da palavra de Deus. Num mundo secularizado, transformado em “aldeia global” pela vertiginosa expansão e pelo incalculável alcance dos meios de comunicação de massa, a Igreja realmente deve questionar-se quanto ao seu modo de transmitir e tornar concreta a vontade de Deus. Contestar a Igreja quanto ao seu modo de pregar não é apenas marca dos dias atuais.

Se hoje a prédica sofre uma série de questionamentos, uma visão de seu percurso ao longo da história da Igreja revela que ela carrega potencialidade suficiente para ultrapassar momentos críticos. Cabe, pois, à Igreja redescobrir o poder que a palavra de Deus encerra, fundamentar-se nela e encontrar formas de torná-la crível através de palavra e ação. Modernizar não basta, se a prédica vier a perder em sua essência.

É importante que a Igreja se sirva dos conhecimentos que a ciência de hoje fornece. Conhecer elementos básicos da teoria da comunicação, por exemplo, torna-se indispensável à pregação. Aprender daqueles que dominam as técnicas no manuseio dos meios de comunicação vem a ser atitude inadiável de quem é escolhido por Deus para testemunhar sua vontade. Exercer constante autocrítica e ensaiar novos passos, na esperança de poder servir melhor à palavra de Deus, é postura de quem realmente procura levar a sério a sua vocação.

É indiscutível: como meio de comunicação, a prédica tem limitações. Por outro lado, é inegável: ao longo dos séculos, a prédica teve enorme alcance. E, se conservar os traços básicos que a tornaram um meio tão eficaz, continuará a ajudar na transformação de vidas e situações.

Bibliografia

- 1 BARTH, Karl. *Homiletik*. Zürich, EVZ-Verlag, 1966.
- 2 BOHREN, Rudolf. *Predigtlehre*. 5. ed. München, Christian Kaiser, 1986.
- 3 DOERNE, M. Homiletik. In: GALLING, Kurt, ed. *Religion in Geschichte und Gegenwart*. 3. ed. Tübingen, J. C. B. Mohr, 1958. v. 3. col. 438-40.
- 4 FEIFEL, E. Homiletik. In: KRÜGER, Hanfried et alii, ed. *Ökumenelexikon*. Frankfurt am Main, Otto Lembeck & Josef Knecht, 1983. col. 546-7.
- 5 KÜPPERS, K. Predigt. In: HÖFER, Josef & RAHNER, Karl, ed. *Lexikon für Theologie und Kirche*. 2. ed. Freiburg, Herder, 1963. v. 5. col. 459-65.
- 6 JOSUTTIS, Manfred. *Prática do Evangelho entre Política e Religião*. São Leopoldo, Sinodal, 1979.
- 7 KEUCK, W. Predigt. In: HÖFER, Josef & RAHNER, Karl, ed. *Lexikon für Theologie und Kirche*. 2. ed. Freiburg, Herder, 1963. v. 8. col. 705-6.
- 8 KIRST, Nelson. Quer Seja Oportuno, quer não: a Série Alternativa de PL. In: ID., coord. *Proclamar Liberdade; Auxílios Homiléticos*. São Leopoldo, Sinodal, 1983. v. 9, p. 10-14.
- 9 —. *Rudimentos de Homilética*. 2. ed. São Leopoldo, Sinodal, 1993.
- 10 KÜPPERS, K. Predigt. In: KRÜGER, Hanfried et alii, ed. *Ökumenelexikon*. Frankfurt am Main, Otto Lembeck & Josef Knecht, 1983. col. 979-80.
- 11 MALSCHITZKY, Harald. *Homilética*. São Leopoldo, Escola Superior de Teologia, 1989. Manuscrito.
- 12 MESTERS, Carlos. *Círculos Bíblicos*. Petrópolis, Vozes, 1973. 15 v.
- 13 NIEBERGALL, A. Homiletik. In: BRUNOTTE, Heinz & WEBER, Otto, ed. *Evangelisches Kirchenlexikon*. 2. ed. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1962. v. 2. col. 197-200.
- 14 —. Predigt. In: Ibid. v. 3. col. 292-7.
- 15 —. Predigt. In: GALLING, Kurt, ed. *Religion in Geschichte und Gegenwart*. 3. ed. Tübingen, J. C. B. Mohr, 1961. v. 5. col. 516-30.
- 16 SCHNEYER, J. B. Predigt. In: HÖFER, Josef & RAHNER, Karl, ed. *Lexikon für Theologie und Kirche*. 2. ed. Freiburg, Herder, 1963. v. 8. col. 706-13.
- 17 SOMMERAUER, Adolf. *Guia do Pregador*. 3. ed. São Leopoldo, Sinodal, 1984.
- 18 STOODT, D. Homiletik. In: KRÜGER, Hanfried et alii, ed. *Ökumenelexikon*. Frankfurt am Main, Otto Lembeck & Josef Knecht, 1983. col. 544-6.
- 19 TEIXEIRA, Nereu de Castro. *A Comunicação Libertadora*. São Paulo, Paulinas, 1983.
- 20 WEHRMANN, Günter K. F. Exercício Homilético. In: MALSCHITZKY, Harald & WEGNER, Uwe, coord. *Proclamar Liberdade*. São Leopoldo, Sinodal, 1986. v. 12. p. 91-102.
- 21 WINTER, Friedrich. Die Predigt. In: AMMER, Heinrich et alii. *Handbuch der Praktischen Theologie*. 2. ed. Berlin, Evangelische Verlagsanstalt, 1979.

Notas

- 1 Nelson KIRST, *Rudimentos de Homilética*, p. 17s.
- 2 ID. *ibid.*, p.18.
- 3 W. KEUCK, *Predigt*, col. 706.
- 4 Cf. A. NIEBERGALL, *Predigt*, col. 517.
- 5 Cf. ID., *ibid.*, col. 518.
- 6 Cf. *ibid.*
- 7 Cf. J. B. SCHNEYER, *Predigt*, col. 707.
- 8 Cf. A. NIEBERGALL, *op. cit.*, col. 518s.
- 9 Cf. J. B. SCHNEYER, *op. cit.*, col. 710.
- 10 Cf. A. NIEBERGALL, *Predigt*, col. 295.
- 11 Ap. A. NIEBERGALL, *op. cit.*, col. 526.
- 12 Cf. Nelson KIRST, *op. cit.*, p. 53s.
- 13 Cf. Carlos MESTERS, *Círculos Bíblicos*.
- 14 Nelson KIRST, *Quer Seja Oportuno, quer não...*, p. 11.
- 15 ID., *ibid.*, p. 13.
- 16 Ap. Günter WEHRMANN, *Exercício Homilético*, p. 91s.

Edson Edilio Streck
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS